

A ficção da paisagem: entre *A invenção de Morel* e *La Jetée*

Fabiana Feronha Wielewicksi

“Se a ilha se afundasse – à exceção dos lugares em que estão as máquinas e os projetores –, as imagens, o museu, a própria ilha seguiriam visíveis.”

(Adolfo Bioy Casares, *La invención de Morel*)

De acordo com o historiador da arte Javier Maderuelo (2006) e a filósofa Anne Cauquelin (2007) a paisagem deve ser sempre entendida como uma construção cultural e nunca como uma entidade fechada em si mesma. O termo paisagem não pode ser considerado como mero gênero pictórico, nem como conjunto de objetos configurados pela natureza ou transformados pela ação humana: “El paisaje no es un mero lugar físico, sino el conjunto de una serie de ideas, sensaciones y sentimientos que elaboramos a partir del lugar y sus elementos constituyentes”¹. A percepção da paisagem na contemporaneidade dá-se em um território marcado pela instabilidade, onde o trabalho realizado para restabelecer o acordo originário entre natureza e paisagem abala, por sua vez, a própria noção de paisagem². Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a paisagem é instaurada através de uma operação de tentativa de reorganização do mundo. Delfim Sardo escreve: “A paisagem é, portanto, uma construção de um modo específico da visão, modo esse que resulta da domesticação de uma estrutura caótica de mundo, convertida em paisagem pela metodologia da representação”³.

A comunicação apresentada procura refletir sobre a paisagem entendida como construção ficcional do *lugar*. Parte da premissa que o ato de narrar instaura paisagens – assim como Anne Cauquelin descreve-nos o sonho de sua mãe, a propósito do qual pergunta-se: “o que teria significado *paisagem* sem essa imagem? Sem o artifício de sua constituição ilusória?”⁴ Tal premissa estabeleceu como estrutura de apoio o romance *La invención de Morel*, (Adolfo Bioy Casares, 1940) e o filme *La Jetée* (Chris Marker, 1962). Sob o recurso da voz *off*, os personagens protagonistas nestas obras narram-nos paisagens constituídas pela tentativa de ordenação de um espaço de conflito no qual estão imersos. No romance de ficção científica de Casares, um naufrago refugia-se em uma ilha deserta habitada por imagens projetadas por uma estranha invenção. No *photo-roman* de Marker, um prisioneiro é alvo de experimentos científicos, nos subterrâneos de uma Paris supostamente arrasada pela Terceira Guerra Mundial. Intrusos nas imagens dos lugares criados por seus próprios relatos, reinventam-se enquanto sujeitos na tentativa de tornar suas visões e lembranças paisagens compreensíveis. Nessa operação, instaura-se um paradoxo quando tais paisagens podem ser entendidas tanto como refúgio como tormento das personagens.

Sob este viés, também serão objeto de análise do presente texto as obras artísticas de Fernando Calhau, Tacita Dean, Pierre Huyghe e Rosangela Rennó, pelas relações de

¹ Javier Maderuelo (2006). *El paisaje: génesis de un concepto*. Madrid: Abada Editores, p. 38.

² Anne Cauquelin (2007). *A invenção da Paisagem*. São Paulo: Martins, p. 122.

³ Delfim Sardo (2001). *A visão em apneia: escritos de artistas*, Lisboa: Babel, p. 295.

⁴ Anne Cauquelin (2007). *A invenção da Paisagem*. São Paulo: Martins, 2007, p. 20.

proximidade que travam com o procedimento da construção narrativa ficcional, através da imagem, em conformidade com a ideia de paisagem.